

ARTE CONTEMPORÂNEA OU UMA NOVA ACADEMIA?

Norberto Stori¹, Petra Sanchez Sanchez²

Abstract — *In this contemporary witness almost a sameness in the visual arts in relation to major national and international official events, the reference will be art that is contemporary art from the 1960s with Conceptual Art. Even showing up with new technology and the reference materials that may be fixed also in the art of the avant-garde artistic movements of the first two decades of the twentieth century. And, with no instigators artistic movements with his iconoclastic manifestos, but artistic events, it seems that there is not much concern among artists with the creativity and the pursuit of their own language, but references and retellings of existing, because all creative processes originate from an intense emotional upheaval in search of a new artistic language, so it seems that we are living a new academy of visual arts.*

Index Terms — *Contemporary Art, Education, Creativity, Languages; Creativity*

Resumo — *Nesta contemporaneidade, presenciamos o que se pode chamar de uma mesmice nas artes visuais no que diz respeito aos grandes eventos oficiais nacionais e internacionais. Em relação a esses eventos, a referência a que venha a ser arte é a Arte Contemporânea a partir da década de 1960 com a Arte Conceitual. Mesmo se revelando com novas experimentações tecnológicas e de materiais, a característica que se definiu como arte se fixa também nos movimentos artísticos das vanguardas das duas primeiras décadas do século XX. E, não havendo movimentos artísticos instigadores com seus manifestos iconoclastas, - mas houve, sim, acontecimentos artísticos, - parece que não há muita preocupação por parte dos artistas com a criatividade e com a busca de uma linguagem própria; porém, há, sim, referências e releituras do que já existe, pois todos os processos criativos se originam de uma intensa inquietação emocional em busca de uma nova linguagem artística. Portanto, parece-nos que estamos vivendo uma nova academia das artes visuais.*

Palavras Chave — *Arte Contemporânea; Formação; Criatividade, Linguagens; Criatividade*

As discussões que se levantam sobre Arte Contemporânea são muitas e se divergem em sua maioria, principalmente quando se fala em identidades de conceitos, de linguagens artísticas, acontecimentos artísticos e dentro desses acontecimentos a linguagem de um ou de determinados artistas.

Quanto ao início e às definições de Arte Contemporânea não há uma data ou período determinado, uma vez que sempre há divergências pois entre filósofos, historiadores, curadores e críticos de arte há sempre divergências.

Com relação às definições, Taylor, B. (2005) [3] apresenta as empregadas pelas duas grandes casas de leilões internacionais, ambas estabelecidas tanto em Londres como em Nova York - Christie's e Sotheby's. A Christie's define como Arte Contemporânea as obras produzidas no período de 1950 a 1960 comercializadas no século XX. A Sotheby's chama Arte Contemporânea Inicial como sendo as obras produzidas entre 1945 e 1970 e Arte Contemporânea Recente aquelas elaboradas a partir de 1970.

Don Thompson [4], colecionador de arte contemporânea, economista e professor emérito de marketing na Schulich School of Business, na Universidade de York, em Toronto (Canadá) define Arte Contemporânea como sendo "... aquela vendida pelas principais casas em seus leilões de Arte Contemporânea. Mas mesmo esta definição se mostra traiçoeira: a Sotheby's fala em "arte contemporânea", enquanto a Christie's usa o título mais abrangente do pós-guerra e contemporânea. A Christie's procede dessa maneira porque sua classificação depende mais da obra do que da data." (THOMPSON, 2012, p.18 [4]).

Londres e Nova York são dois centros mundiais do mercado de Arte Contemporânea, principalmente no que se diz respeito ao mercado de Arte Contemporânea de luxo ou gestão de marca. Nestas duas cidades, estão os os *marchands* de marca; as casas de leilões de marca; os curadores que organizam exposições únicas; os colecionadores e os críticos que pouca influência têm.

A Bienal de Veneza é o maior evento expositivo internacional de Arte Contemporânea; dela participam os artistas "grifes" da contemporaneidade; é mais importante de todas as bienais e trienais realizadas no mundo. Na Arte Contemporânea o artista não existe até que alguém o transforme em marca principalmente de luxo. Não devemos

¹ Norberto Stori, Prof. Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação Arte e História da Cultura do CEFT/Universidade Presbiteriana Mackenzie. Livre Docente em Artes Visuais/IA-UNESP/SP. Mestre e Doutor/Universidade P. Mackenzie/IA-UNESP. Artista Plástico, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua da Consolação, 930, 6º andar, São Paulo, Brasil, nstori@mackenzie.br

² Petra Sanchez Sanchez, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua da Consolação, 930, 6º andar, São Paulo, Brasil, petra.sanchez@mackenzie.br

esquecer também artistas que além do auto-marketing, trabalham com o conceito de *branding*, utilizado na publicidade, que é a construção e a gestão de uma marca, a qual agrega personalidade, distinção e valor a um produto oferecendo segurança e confiabilidade.

A valorização de objetos comuns está ligada à gestão de marca, assim como as atividades públicas de um artista de marca - de "grife" que se transformaram em celebridades, e que muitas vezes acabam ligados ao dinheiro e à publicidade. O fenômeno do artista-celebridade começou no início dos anos 1960 em Nova York, quando artistas como Jasper Johns, Jemes Rosenquist e Roy Lichtenstein eram promovidos pelos *marchands* Leo Castelli, Betty Parsons e Charles Egan. Quanto ao artista celebridade, Andy Warhol (1928-1987) é um exemplo posterior e de sucesso imensamente maior que os citados.

Segundo Thornton, S. (2010) [5] neste mercado de obras de artistas celebridades, os curadores são os responsáveis pelo atendimento das expectativas de seus colecionadores, de artistas e das diretorias dos espaços expositivos; os colecionadores se movimentam em grupos para comprar obras de artistas da moda; os críticos ficam observando para onde o vento sopra pretendendo não errar. A originalidade da obra nem sempre é recompensada, mesmo assim alguns artistas assumem riscos e inovam sendo estímulo para outros para outros artistas. Essa aparente falta de criatividade e de inovação na Arte Contemporânea apresenta-se constantemente nos acontecimentos artísticos dando, a impressão de um *déjà-vu*.

Com relação à criatividade o seu processo é contínuo, imaginativo e sempre um fazer e um pensar concretos, faz com que a arte não seja uma mera cópia ou uma imitação ou simples técnica de reprodução, quanto a isto, Leonardo da Vinci (1452-1519) já aconselhava, no capítulo XI – Considerações Morais, em seu livro *Tratado da Pintura*: "Aos pintores lhes digo que não deve ninguém imitar a maneira dos outros, pois se converteriam, então, com relação à arte, em sobrinhos e não em filhos da Natureza". (Da Vinci, 1964, 309).

Na contemporaneidade, com o artista se transformando em marca, ele também se transforma em produto; e nesta situação muitos deles se preocupam bem mais com o mercado de, com o dinheiro e vão deixando a criatividade de lado. Há exemplos de artistas que perderam um pouco de criatividade, com o rumo tomado pelo desejo de vender suas obras com altíssimos preços; o dinheiro passou a ocupar um lugar mais importante na vida. Quanto a isto, Damien Hirst diz "que vai parar de fazer quadros de bolinhas, borboletas e girantes porque, embora rendam bastante, não desenvolvem a sua criatividade". (THOMPSON, 2012, p. 105 [4])

A crescente preocupação crescente dos artistas, tanto com o mercado de arte quanto com serem artistas de marca vem sendo um desafio com relação na formação de jovens artistas criativos, iconoclastas num mundo padronizado. Outro desafio é a "apropriação" que está

presente na arte moderna que surgiu na década de 1980 quando artistas ligaram seus nomes às obras de outros artistas, o que antes era chamado de plágio. Quanto a isto, Peter Burk (2003) [1] apresenta uma série termos que no decorrer da história, alguns autores utilizaram com sentidos diferentes, que são: imitação, mimésis, espoliação, aculturação, transculturação, assimilação, transferência, trocas culturais, bricolagem e reutilização.

Quanto à "apropriação" na Arte Contemporânea, há o caso do tubarão no formol de Damien Hirst, que segundo o Stuckismo não foi inédito. Na verdade, em 1989 Eddie Saunders, já havia exposto um tubarão-martelo dourado em sua loja de Suprimentos JD Elétricos em Shoreditch dois anos antes de Damien Hirst. Mais tarde, o tubarão de Saunders foi exposto em 2003 na Stuckism International Gallery em East London, com o título *Um tubarão morto não é arte*. O Stuckismo é um movimento internacional que abrange quarenta países; seus integrantes são contra arte conceitual como a dos tubarões, e que também são contra a corrente artística da antiarte. Porque que o tubarão de de Hirst é reconhecido como grande arte e o de Saunders exposto publicamente dois anos antes do de Hirst e o de Eddie Saunders não são? Stuckismo sugere que Hirst teve a idéia para o seu trabalho a partir de exposição da loja de Suprimentos JD Elétricos, de Saunders.

O artista britânico Damien Hirst nasceu em Bristol em 1965. É um dos poucos dos quais se pode dizer que modificaram o conceito do que deve ser arte ou carreira artística. Suas obras se enquadram em diferentes grupos. Segundo Don Thompson (2012), o primeiro grupo é o das criaturas mortas conservadas em formol como: vacas, carneiros e tubarões; o segundo é a série de armários farmacêuticos-objetos onde apresenta jogos de instrumentos cirúrgicos, cartelas e frascos com comprimidos e capsulas de remédios; no terceiro grupo estão quadros de pontos e bolinhas coloridas que são feitos por seus assistentes; no quarto grupo estão as pinturas gigantes criadas com o auxílio de uma roda de oleiro para a elaboração dessas obras; no quinto estão os quadros de borboletas; o sexto grupo apresenta pinturas fotorealistas de grandes formatos. Suas obras geralmente são feitas por vários assistentes; com isso, o artista faz com que ninguém seja responsável por elas, mas reivindica a propriedade do conceito delas, e somente ele as assina.

Hirst chamou a atenção do público pela primeira vez em Londres, em 1988, quando concebeu e foi o curador da mostra *Freeze*. Foi uma exposição realizada em um armazém que mostrava os seus trabalhos e os dos seus amigos, além de outros estudantes de artes.

A morte é o tema central na obra de Hirst, que sempre esteve rodeada de muita mídia e polémica premeditada. A polémica marca a obra de Damien Hirst desde o início de sua carreira no final dos anos 80 do século XX. A obra *Mil Anos* (figura nº 1) tem como conceito um ciclo de vida completo: larvas se desenvolvem, viram moscas na caixa

branca e depois vão alimentar-se da cabeça decepada da vaca.



FIGURE. 1

DAMIEN HIRST. *MIL ANOS. CABEÇA DE VACA, MOSCAS, CAIXA DE MADEIRA E VIDRO. 1988*

O seu trabalho mais icônico e polêmico, *Impossibilidade física da morte na mente de alguém vivo* (figura nº 2), um enorme tubarão tigre numa vitrina cheia de formol. Devido à decomposição do tubarão-tigre, foi substituído com um novo espécime em 2006.

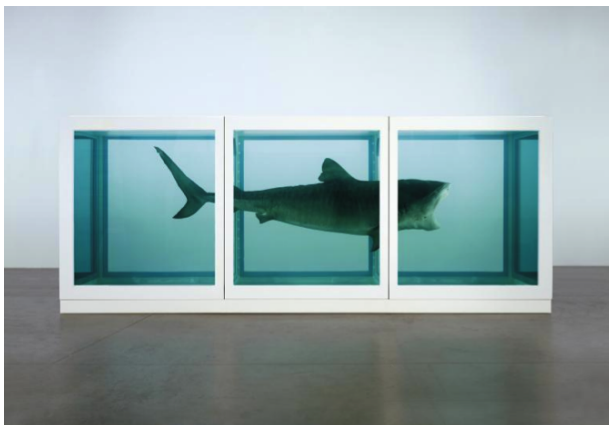


FIGURE. 2

DAMIEN HIRST. *IMPOSSIBILIDADE FÍSICA DA MORTE NA MENTE DE ALGUÉM VIVO. 213CM X 518 CM. 1991*

Outro artista de marca de luxo na contemporaneidade é o norte-americano Jeff Koons, que nasceu em York em 1955. Seguiu Andy Warhol (1928-1972) e elevou o *marketing* pessoal do artista a um novo nível. Usa de várias ideias e materiais para construir suas obras conceituais. Para desenvolver as obras da série de objetos de porcelana fazia encomendas de pequenos objetos populares como estátuas religiosas, animais como ursinhos, cachorrinhos, ícones populares como o cantor Michael Jackson (falecido em 2008), arranjos de flores, apropriando-se de elementos da cultura de massa descontextualizando-as e levando aos espaços expositivos de luxo.

Em 1991, Koons se casou com Ilona Satler, conhecida como La Cicciolina, atriz de cinema pornográfico

nascida na Hungria e deputada no parlamento italiano. Koons, em uma de suas declarações, disse que Ilona e ele haviam nascidos “um para a outra”, e que ela era uma mulher de mídia e ele também era um homem da mídia.

Koons desenvolveu a série *Feito Em*, onde é artista e personagem, elaborando fotos gigantescas, pinturas e esculturas em que apresenta sexo explícito com a sua esposa. Para ele, esse tema daria validade à pornografia como arte, quebrando um padrão de moral. Essa afirmação levantada pelo artista tem sido considerada com frequência por artistas contemporâneos. Usa da metalinguagem para falar da própria arte, principalmente quando aborda os valores estéticos da cultura de massa; busca inspiração nos elementos do dia a dia das pessoas para questioná-los e discuti-los; algumas de suas obras só se realizam com a presença do fruidor; utiliza de espaços não convencionais, como os da mídia, para realizar os seus trabalhos; questiona os conceitos, os dogmas e os valores do mercado de arte.

Koons é uma marca e uma lenda no mundo da Arte Contemporânea. A maioria das suas obras consistem em instalações e esculturas industriais. Ficou famoso por expor eletrodomésticos como na obra *Nove Aspirador*. Ao transferir objetos como enceradeiras e aspiradores de pó da loja de departamentos para a galeria, ele os recontextualiza resignificando-os.

Koons tem como estímulo para a criação de suas obras o *kitsch* e transforma o que é *kitsch* em obra de arte como acontece com *Puppy*, um cachorro formado por flores, medindo 16 metros de altura. Esse trabalho, ele fez em protesto por não ter participado da Documenta de Kassel, em 1992, na Alemanha. Ele comparou a cidade alemã à Disneylandia. Atualmente a obra se encontra em frente do Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha.

Em 1996, o artista criou a série *Celebração*, em que setenta e cinco artesãos trabalharam na mostra no Museu Guggenheim disse “basicamente, sou a pessoa de idéias. Não me envolvo fisicamente na produção. Não tenho habilidades necessárias, então recorro aos melhores da área, que esteja trabalhando em minha oficina fundição Tallix ou em física”. (HIRST *apud* THOMPSON, 2012, p 120).



FIGURE. 3
JEFF KOONS. PUPPY, OBRA ELABORADA COM FLORES. 44 TONELADAS.
MAIS DE 14 METROS DE ALTURA. MUSEU GUGGENHEIM DE
BILBAO/ESPANHA



FIGURE. 4
JEFF KOONS. NOVOS ASPIRADORES CONVERSÍVEIS. VERDE, AZUL, 1981-
1987. ASPIRADORES DE PÓ, PLEXIGLASS E LÂMPADAS FLUORESCENTES,
194,6 CMV X 104,1 CM X 71,1 CM. WHITNEY MUSEUM OF AMERICAN ART,
NEW YORK.

Percebe-se que a Arte Contemporânea faz questão de se caracterizar com muita criatividade, como se fosse única e muito especial e anticonvencional. Porém, ainda está dialogando com o moderno e cheio de conformismo reforçando os estereótipos do passado.

Muitos temem que a chancela do mercado tenha sobrepujado suas formas de reação, como críticas positivas, prêmios e exposições em museus e bienais com obras cujos preços chamam a atenção para certos artistas de marca de luxo. Essas obras, então, perderam o rumo pelo desejo de

vender a preços exorbitantes, todavia, conferem *status ao autor*. Quando um artista torna-se uma marca, o mercado tende a aceitar como legítima qualquer coisa/objeto que ele apresente.

Com o artista se transformando em marca, ele também se transforma em produto de luxo; portanto, onde fica a sua criatividade artística como linguagem artística? Às vezes há criatividade e inovação, pois nem todo produto criativo inova; e isso também acontece na Arte Contemporânea. A aparente falta de inovação na Arte Contemporânea faz com que assuma um contorno repetitivo, não essencialmente como farsa e/ou falta de estilo, mas como uma espécie de fuga, de falta de coragem, assume um caráter de impostura, sugerindo carência de criatividade.

As linguagens artísticas criativas determinam direções inovadoras para todas as formas de arte; significam que o artista deve evoluir e ir além das influências; tem que saltar em território desconhecido para se distanciar do que se apropriou como estudo, como formação artística. O salto que o artista é capaz de dar torna a sua linguagem artística criativa.

Na contemporaneidade parece que não há uma revolucionária preocupação artística: há, sim, uma padronização, seguindo os dogmas, como acontecia na Arte Acadêmica, e isso pode refletir na formação de artistas não criativos. Será que estamos presenciando uma academia, uma academia contemporânea?

REFERÊNCIAS

- [1] BURK, Peter. Hibridismo Cultural. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- [2] SEVCENKO, Nicolau. *O enigma pós-moderno*. In: OLIVEIRA et al; Roberto Cardoso. *Pós-Modernidade*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.
- [3] TAYLOR, Brandon. *Contemporary Art: Art Since 1970*. UPPER Saddle River, NJ: Pearson/Prentice HALL, 2005.
- [4] THOMPSON, Don. *O tubarão de 12 milhões de dólares: a curiosa economia de arte contemporânea*. Trad. Denise Bottmann. BE-I Comunicação, 2012.
- [5] THORTON, Sarah. *Sete dias no mundo da Arte: bastidores, tramas e intrigas de um mercado milionário*. Trad. Alexandre Merina. Rio de Janeiro: Agir, 2010.